

Carlos Vieira/CB/D.A Press

precisava de tratamento. O médico falou: “Dona Maria, vá com ele para Brasília”, lembra Márcia. A mãe veio. “Com a cara e a coragem”, resume a filha.

Mal arrumou a casa e já foi fazer biscoito. Márcia e o irmão Cláudio levavam as sacolas, de carro, até a porta do Anexo IV da Câmara. Ela subia com os pacotes no elevador, vendia aos colegas de corredor. O negócio crescia dentro do Congresso, silenciosamente. “Meu Deus, eu estou em Brasília, vendendo meu biscoitinho”, repetia dona Maria, ao encher as formas no apartamento da Asa Norte. A demanda cresceu rápido. Alugaram um subsolo na 412 Norte, mas a produção não tinha alvará. Os vizinhos denunciaram. A família leu o sinal: era hora de abrir uma loja de verdade.

Em junho de 1996, a Casa de Biscoitos Mineiros abriu as portas na 210 Norte. No primeiro dia, a fila se formou sozinha — sem inauguração, sem propaganda. Andreia Regina, outra filha, chegou mais tarde, com dois filhos pequenos. Márcia ficou com o administrativo; Dona Maria, com a cozinha; Andreia, com o atendimento. A abertura da segunda loja, na Asa Sul, foi o momento mais tenso: a reforma terminou antes de o empréstimo do banco sair. Dona Maria entrou em pânico. “Você é doida, minha filha. A gente não tem dinheiro para pagar o povo.” O dinheiro chegou dois dias depois. Inauguraram. Novamente: “Foi com a cara e a coragem”, ri Márcia agora.

Hoje, são seis lojas e quatro cafés. Dona Maria entra na cozinha quase todos os dias. Fiscaliza pessoalmente o polvilho e o queijo — não delega. As receitas são dela, herdadas das tias do interior de Minas Gerais. “Aprendi com minha mãe. Tudo receita de família”, diz. Nenhuma foi escrita. Nenhuma será perdida. Agnaldo Júnior, o caçula, é responsável pela operação há 12 anos. Catarina, filha de Márcia, também é sócia, em Águas Claras. Os bisnetos gêmeos já participam da campanha dos 30 anos da marca, em junho.

“A mamãe ensinou a gente a tratar o funcionário como parceiro, e o cliente, como se estivesse em casa”, diz Andreia. Dona Maria, na cozinha, continua ensinando do mesmo jeito — sem saber que está ensinando. Pergunte às filhas o que aprenderam com ela. Márcia responderá antes da pergunta acabar. “A nossa faculdade foi a loja”.



Denise e Solange Cianni (loira) com os filhos Thiago e Beto na Escola Canarinho da Asa Norte.

A tradição que virou método

Toda semana, uma fadinha e um príncipe aparecem na Escola Canarinho. Chegam de uniforme, param nas salas, deixam as crianças subirem neles. São reconhecidos na rua, nas missas de domingo, no supermercado. Hoje com 93 e 98 anos, respectivamente, Ivete e Humberto Cianni, fundaram a escola em 1974. Os netos Thiago e Beto tocam o dia a dia há mais de uma década — e, ainda assim, são apresentados, nos corredores, como “o neto da fadinha”.

Ivete veio do Rio de Janeiro com 15 anos de experiência no ensino especial da rede pública. Quando chegou a Brasília — trazida pela transferência do marido pelo Banco do Brasil —, trouxe um hábito que outras escolas não tinham: acolher crianças que ninguém queria. Muito antes da lei de inclusão existir, recebia as que ficavam à margem. “As mães começaram a comentar”, lembra Denise, filha do meio. “E assim a escola foi crescendo.” Humberto chegou como bancário e ficou como sócio. Quando percebeu que a casinha estava enchendo, alugou um prédio maior; depois, hipotecou o apartamento para construir a sede própria.

As três filhas — Solange, Denise, e Simone — foram virando sócias como a maioria dos filhos

Acervo Pessoal



Seu Humberto e Dona Ivete, fundadores da escola

nessa reportagem: devagar, ao ganharem experiência, sem combinar. Solange tinha 14 anos e já queria ser professora. Simone trouxe a dança e o balé. Denise ficou na coordenação pedagógica. “A mamãe foi nos preparando”, diz Denise. “Deu uma educação muito mais valiosa que uma faculdade.”

A divisão de trabalho se definiu naturalmente. Mas, aqui, diferentemente das outras três famílias da reportagem, a sociedade foi para o papel. Quando os netos entraram na gestão, a família criou um

documento de direitos e deveres para a segunda e a terceira geração: critérios para férias, afastamentos, decisões compartilhadas. “A gente aprendeu na educação que crianças com critérios claros ficam com a mente ordenada”, explica Solange. “Com adulto é a mesma coisa.”

Os netos chegaram com resistência das mães — não delas para com eles, mas o contrário. A mãe do Thiago foi direta: “Escolhe qualquer coisa, menos o Canarinho. Eu quero que você tenha uma boa vida.” Ele entrou assim

mesmo. Beto era músico, e ainda toca em trio. Também ficou. “A gente vai se apaixonando pela educação”, diz. A prova de que a terceira geração estava pronta veio em 2020. Com a pandemia, metade das famílias cancelou a matrícula. Os meninos se recusaram a fechar. Montaram aulas no YouTube, organizaram um drive-thru de Páscoa com professoras fantasias. As mães choravam na janela. Nenhum funcionário foi demitido. “Ali a gente entendeu que eles estavam prontos”, diz Solange.

A escola tem hoje duas unidades — uma na Asa Sul e outra na Asa Norte — e não cresceu além disso por escolha. Thiago chegou a propor o modelo de franquias, mas a família não quis. Ele entendeu. “Prefiro fazer um trabalho de qualidade com os donos presentes a ter 20 escolas e ficar num escritório vendo indicadores.” Em uma camiseta, em um livrinho entregue a cada família na matrícula, está a frase que Ivete carrega desde o começo: “A criança feliz descobre o mundo brincando.” Toda semana, a fadinha e o príncipe voltam. Não para ver os netos. Para ver as crianças.

Estagiário sob a supervisão de Ana Sá*